A LUTA

A liberdade perenne é uma conquista permanente.
Guerra Junqueiro.

ANNO I | Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 15 de Dezembro de 1906 | NUM. 7

Este periodico manter-se-á com a contribuição voluntaria dos trabalhadores, e a sua publicação será, provisoriamente, quinzenal.

A correspondencia deve ser dirigida a Stefan Michalski, rua dos Andradas 64, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Sindicalismo e Parlamentarismo

O telégrafo anuncia-nos que uma decisão importante acaba de ser tomada pelo partido demócrata-socialista alemão, em seu último congresso de MANNHEIM. Citemos primeiro testualmente o telegrama da ajéncia *Reuter:*

"O Congresso adoptou em seguida, por 386 votos contra 65, a segunda parte da resolução, que declara que as uniões de oficio (os sindicatos) são organizações *indispensáveis* para o melhoramento das condições sociais das classes trabalhadoras, e, *que elas não são menos indispensáveis que o próprio partido social-democrático.* E' essencial muitas vezes, portanto, ajirem as duas organizações de comum acôrdo em sua luta. Para assegurar esta unidade de pensamento e acção, declara-se como absolutamente necessário que o movimento sindicalista seja imbuído do espirito da democracia social."

Assim pois, o partido social-demócrata alemão, que durante tantos anos lutou — como aqui mesmo o rejistamos — contra a organização independente dos oficios, que outrora a declarara inutil a par da democracia social, e que por muito tempo procurou absorvê-la, vê-se na continjéncia de reconhecer a „indispensável necessidade" de uma poderosa organização sindicalista, *ao lado do partido social democrático.* Chegou, até, ao ponto de dizer que a organização sindicalista era *esactamente tão* „indispensavel como o próprio partido social-democratico".

Ajunta ser de absoluta necessidade que o movimento sindicalista seja „*imbuido* do espirito da democracia social", mas não passa isso de um piedoso desejo; e aliás vai grande distáncia desse dêsejo ás ambições doutrora, que eram as de *absorver* antes que tudo a organização sindical, ou, pelo menos, titereá-los a seu bel-prazer.

*

Comprende-se. E' que, por árquimoderada que seja a organização sindical na Alemanha, — ebém se oviu por sua resolução do Congresso de Colonha, — não se quís deixar governar pelos xefes parlamentares da democracia social. Há sindicatos inspirados pelos socialistas autoritários e parlamentares; há os que são imbuidos de espírito burguês, e há-os, em fim, independentes que detestam seus patrões e estão prontos a lutar contra êles com encarniçamento e no terreno económico.

Mas tanto uns como os outros, e os terceiros, constituíram se absolutamente aparte dos *políticos socialistas* (o grifo é nosso. N. da R.).

Ultimamente aumentou imensamente o número de seus membros — na Alemanha como em toda parte — e os ultimos algarismos davam, para a Alemanha, cerca de um milhão de trabalhadores sindicados, *organizados fora dos partidos políticos* (grifo da R.).

E' a êsse MILHÃO de homens que os xefes socialistas democráticos acabaram por reconhecer o direito á esistência. Não mais esijem que êles se deixem absorver pela organização política: acabam reconhecendo que a organização sindical *deve* permanecer *separada e independente da organização política.* Tudo que lhe agora pedem, é que „operem de comum acordo em sua luta" colaborem quando o ocasião se presentar.

*

E' êsse evidentemente o melhor meio — o único meio — para estabelecer uma colaboração eficaz, em lugar dos conflitos que se eternizavam em quanto os mentores da democracia social procuravam conquistar os sindicatos e ditar-lhes a lei.

Mas há mais. Em toda parte dá-se o mesmo fenómeno. Os trabalhadores percebem que haviam errado quando permitiram aos políticos socialistas-democráticos a invasão de seus organismos profissionais e transformá-los em instrumento de luta parlamentar.

(*Continua*) *Pedro Kropótkine.*

Delícias do sistema burguês

Em Manilha, nas Felipinas, reina indignação geral contra os médicos dos cárceres daquela capital, os quais, para esperiéncias científicas, inocularam vírus de cólera e bubónica em 24 presos, falecendo 10.

Os referidos médicos foram espulsos daqueles estabelecimentos penitenciários e serão processados.

(*Correio do Povo*, 5-12-6.)

Os jornalistas tão férteis e primorosos em comentários sempre que uma roda do automóvel da exma. Sra. A. se desprendendo do eixo, ocasionando algum arranhão, ou o cavalo do sr. B., rodando, lhe quebra uma perna, vieram com este telegrama tão lacónico quanto cínico, desvendar mais uma pájina lúgubre dos cárceres, onde o *belo sistema* burguês relega os infelizes que têm a desventura de inflinjir uma das tantas leis que lhes são impostas.

Esses infelizes, vítimas directas da burguesia, pelas injustiças e desigualdades de interesses e de educação mantidas entre o povo pelo sistema, e muitos dos quais por se terem aprepriado dum pão ou cousa que o valha, estão cumprindo a pena que lhes foi aplicada, mas nem por isso escapam á sanha feroz e bestial dos malvados que a burguesia — *moralista e mantenedora da ordem* — escolhe em seu proprio seio, como *pessoal de confiança... Ad maiorem Dei Gloria!*

Os médicos lejistas que, em nome da ciéncia, abusando de seus cargos, inocularam o vírus colérico e bubónico em infelizes presos impossibilitados de qualquer reacção, "serão processados", diz o telegrama. A nós pouco importa que sejam ou não condenados os autores dêsse bárbaro crime, salvo si na prisão, em que forem eles encerrados, outros medicos lejistas continuarem as esperiéncias *anima vili* iniciadas...

Mas... e os mortos? E suas familias, qual o consolo que se lhes dará?

Talvez alguns dólares... E assim terminará a lúgubre trajédia... e em torno se fará o siléncio, até que o telégrafo no seu laconismo nos venha anunciar uma nova monstruosidade — por sua hediondêz difícil de abafar como se abafam as espaldeiradas, as torturas, os *suicídios* e as infámias de toda espécie que diáriamente, e em toda parte do mundo, se desenrolam entre as muradas dos cárceres.

A bastilha foi demolida pela burguesia quando esta comprendeu que era uma vergonha tolerar, por mais tempo, aquele edifício, ameaça perene á vida e á liberdade do cidadão. Os cárceres desaparecerão, também, quando o povo tiver comprendido que êles são outras tantas bastilhas nas mãos criminosas da burguesia.

s. g. Seiras.

A FÉ

Crer, é *afirmar* como real para mim o que apenas imajino possível em si, ás vezes impossível até; é pois querer estabelecer uma verdade artificial, uma verdade em aparéncia, é, ao mesmo tempo, fechar-se á verdade objectiva repelida de antemão sem a conhecer. A maior inimiga do progresso humano, é a *questão preliminar.* Rejeitar, não as soluções mais ou menos duvidosas que cada qual pudesse apresentar, mas os próprios problemas, é parar de chôfre o movimento para deante; sob êste ponto de vista, a fé nada mais é que uma preguiça do espírito.

A indiferença, até, é muitas vezes superior á fé dogmática; O indiferente diz: pouco se me dá de saber, mas ajunta: não quero crer; o crente, êsse, quer crer sem saber. O primeiro conserva-se ao menos inteiramente sincero consigo mesmo, ao passo que o outro tenta iludir-se.

Acerca de seja qual for o problema, é sempre melhor a dúvida que a afirmação sem volta, o renunciamento de qualquer iniciativa pessoal que se chama a fé. Essa espécie de suicídio intelectual é indesculpável, e o que inda é mais estranho, é procurar justificá-lo, invocando razões morais. A moral deve ordenar ao espírito que investigue sem descanso, quer dizer esactamente, defender-se contra a fé. — „Dignidade de crer!" — andais a repetir. Mais que ameude, através da história toda, colocou o homem a sua dignidade nos erros, e a verdade á primeira vista pareceu-lhe uma deminuição de si próprio. A verdade não vale sempre pelo sonho, mas tem isso por si que é verdadeira: no domínio do pensamento nada há mais moral que a verdade, e quando se a não possui de ciéncia certa, nada há mais moral do que a dúvida. A dúvida, é ela a dignidade do pensamento.

E' preciso pois afastarmos de nós o respeito cego a certos princípios, a certas crenças; é preciso podermos tudo pôr em dúvida, esaminar e aprofundar: a intelijéncia não deve baixar os olhos, nem até em frente do que adora. Sôbre uma campa de Genebra lê-se esta inscrição: „A verdade tem a fronte de bronze, e os que a tiverem amado serão impudentes como ela."

M. Guyau.

(Da *Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction*, 1900 V. Ed. pg 73, preço 5 fr.)

Factos e Comentários

Os emigrantes

Lemos num jornal um telegrama, procedente de Buenos Aires, em que se diz que o *Nacion* noticia a chegada áquela capital de 800 imigrantes italianos idos de S. Paulo e que chegaram estenuados e em estado miserável, em contraste com os que vêm da Europa, que chegaram robustos e vigorosos, e numa local lemos mais o seguinte:

"Em S. Paulo, tem sido estraordinário o esodo de imigrantes que abandonam aquele Estado, embarcando para a República Arjentina.

„Segundo jornais paulistas, os hotéis da cidade de Santos teem estado cheios de famílias de emigrantes que ali aguardam vapores, para Buenos Aires.

"No interior do Estado de São Paulo, tem sido profusamente espalhado um folheto, de distribuição gratuita, e que, de princípio a fim, é um libelo tremendo contra o nosso país, contendo larga cópia de revoltantes falsidades, de injúrias soezes, de pérfidas invenções."

O folheto a que se refere a notícia acima tivemos ocasião de lê-lo e vimos que não é um libelo tremendo contra o nosso país e sim uma esposição dos revoltantes atentados cometidos pelos fazendeiros de café contra os pobres colonos que lhes caem nas garras. As barbaridades praticadas contra os indefesos colonos são tantas e tão grandes que chegaram a ecoar nas colunas dos jornais burgueses, que, como se sabe, são bons patriotas para ocultarem as bandalheiras dos poderosos e cerrar ouvidos aos reclamos das classes deserdadas.

A tal propaganda feita por ajentes argentinos não é tanta como querem fazer crer os jornais; a melhor propaganda para o esodo de colonos é feita pelas iniqüidades a que os submetem os fazendeiros dos interior de S. Paulo.

Quanto ao telegrama do *Nacion* acreditamos que seja esacto; mas o que é certo é que os colonos na Arjentina não passarão muito melhor que aqui.

A iniqüidade burguesa em quási nada se diferença de um país para outro.

Com mais vagar nos ocuparemos desta questão do esodo dos colonos.

ECOS DAS OFICINAS

Fabrica de Meias. - Condições de trabalho. - As crianças. - Multas. Hijiene da oficina. - Um antigo operário despedido.

Muito se há dito e escrito a respeito das condições de trabalho dos operários das fábricas desta capital, que dizem os interessados, são as melhores e mais favoráveis possíveis. E a cada passo nos trazem o tolo argumento de que o nosso meio não comporta as esplorações e torturas que sofrem os trabalhadores dos grandes centros. Aqui não esistem grandes fortunas e por isso, concluem os defensores da casta burguesa, não é possível a larga esploração dos homens de trabalho em proveito dos capitalistas. Sempre que podem, trazem-nos alguns débeis esemplos comparativos para demonstrar o sofrimento do operario europeu e terminam repetindo: — *aqui na há disso!...*

Entretanto, o que é certo é que os capitalistas daqui são tanto ou mais tiranos do que os de qualquer outra parte do mundo e os trabalhadores padecem as mesmas conseqùências do sistema, implantado por todo o mundo, de esplorar as necessidades e a situação dos que se vêem na dura continjencia de depender de um patrão.

Quem se der á preocupação de observar de perto o modo de vida e de trabalho do proletariado desta capital, depressa se convencerá de que os sofrimentos a que são levados os operarios em nada se diferenciam do que se passa nos grandes centros comerciais e industriais.

Depois, para se ter a certeza de que os métodos empregados pelos capitalístas são os mesmos de todos os demais, basta observar os dividendos que a cada fim de semestre são distribuidos pelos accionistas das diversas companhias industriais aqui esistentes.

Enquanto os donos do capital se lucupletam com o produto dos esforços dos operarios, estes no fundo das oficinas, dia a dia sentem o organismo minado por molestias adquiridas pela insuficiencia de alimento e pelo mau estado dos casebres baratos onde á noite vão descansar os membros lassos, té que atirados a um leito da Santa Casa irão esalar o último alento.

Não descansaremos em trazer para aqui os factos que todos os dias se passam nas oficinas, onde os patrões impõem as mais vergonhosas condições. que fazem dos operarios que têm necessidade de trabalhar os infelizes párias da sociedade actual.

—

Hoje vamos trazer para aqui algumas notas do que se passa na Companhia Fabril (Fabrica de Meias).

Nessa fabrica 3 quartas partes do pessoal é feminíno, havendo cerca de 25 crianças de 7 a 10 anos de idade.

Os salarios que tiram os operarios, por semana, são insignificantes; há alguns trabalhadores ganhando, por semana, cerca de 36$000, o que a primeira vista, é um bom ordenado, se soubermos porém que das férias de cada um é descontado o preço das agulhas que emprega no trabalho, e que ás vezes chegam a pagar 10$000 de agulhas numa semana, vemos aquele salario baixar a uma soma irrisória.

As mulheres e as crianças, como é de praxe, ganham uma diaria mezquinha.

As repassadeiras (que se encarregam de revistar as meias) ás vezes não chegam a ganhar 3$000 semanalmente, isso por não haver serviço, mas são obrigadas a ir todos os dias á fábrica.

Dêsse reduzidissimo salario são-lhes ainda descontados multas inflijidas pelos mandões da oficína. Para que se avalie do que vai por ali de esploração, sob a capa de multas para manter a "boa ordem" do trabalho, trazemos para estas colunas uma relação de algumas das multas ali aplicadas aos operarios:

Entrando 5 minutos depois da hora marcada (quási todo o trabalho é por peça), 100 réis de multa; faltando até a hora de almôço, 300; até ao meio-dia, 500; sendo encontrados operarios conversando, de 500 a 1$000 de multa a cada um; quem levar para a fabrica algum livro, folheto ou jornal é multado em 500 réis; subir uma escada, que esiste na fábrica, calçado de tamancos, o operario ou operaria é multado em 1$000.

Essas multas revertem em beneficio de uma escola esistente nos Navegantes, da qual é presidente o gerente da fabrica, Otto Fenselau. Essa escola podem frequentar os filhos dos operarios da fabrica dos quais saem as multas que a mantêm; entretanto há crianças que, trabalhando na fabrica, estão sujeitas ás multas e nada podem aproveitar da escola, nem para si nem para seus irmãos menores. E' tesoureiro dessa escola o guarda-livros da fabrica e nela estão envolvidas pessôas estranhas á dita fabrica, como, por esemplo, um funileiro estabelecido nas prossimidades da mesma.

Outro facto que tambem em muito dificulta a vida dos operarios desta fabrica é o modo por que é feito o pagamento.

Os operarios trabalham por peça e ás quartas-feiras fazem entrega das obras da semana, recebendo no sábado a respectiva féria. Acontece porém que, se por qualquer circunstancia, falta ao trabalho no dia do recebimento da féria, esta só lhe será paga no sabado seguinte, isto é, 17 dias depois de entregues as obras. E' facil de calcular em que dificuldades se vê o operario que tem de esperar tantos dias pelo seu salario.

Quanto ás condições hijiénicas da fabrica são pouco mais ou menos como as de todas desta capital, onde os proprietarios e gerentes de estabelecimentos industriais pouco ou nenhuma atenção ligam a estas cousas.

A directoria de hijiene intimou os gerentes de fabricas a colocarem filtros nas mesmas. Na fabrica de meias foi posto, em virtude de tal intimação, um filtro para fornecer agua para cerca de 180 operarios que ali trabalham, quando não póde fornecer sinão a 10 pessoas.

Apenas a Secção de Fiação desta fabrica está regularmente organizada com asseio, boa agua, etc., e isso devido aos cuidados do respectivo encarregado sr. Schlosstein.

Para se fazer uma idea da consideração de que gozam ali os antigos empregados que desde anos vêm prestando serviço á empresa, trazemos para aqui um facto passado com um deles.

Trabalhava na Secção de Tinturaria, há 11 anos, o operario Luís Mióssi (o velho Luis, como é conhecido entre seus antigos companheiros de oficina) e, adoecendo, pediu uma licença para se tratar. Acontece que pouco depois de concedida a licença declarou-se a greve na fabrica, como conseqùência do último movimento operario desta capital. Os directores mandaram-no chamar; como inda se conservasse enfermo, aquele operario deixou de atender o chamado.

Dias depois de terminada a greve, já então restabelecido, compareceu aquele operario á oficina com o proposito de trabalhar.

Os patrões, talvez entendendo que aquele operario não havia atendido ao seu chamado por ser solidario com os grevistas, despediram-no sem ter em conta o longo tempo em que ali trabalhava o sr. Luís Mióssi.

—

E ai têm os operarios uma lijeira relação das iniqùidades a que são submetidos os trabalhadores da Companhia Fabril Porto-Alegrense.

Urje que os trabalhadores de todas as classes se organizem e em acção conjunta façam desaparecer essas como outras opressões de que somos vítimas entre as paredes dos tristes presídios industriais, onde se é obrigado a buscar o pão quotidiano.

SOLIDARIEDADE

Como já devem ter notícia os nossos leitores pelas publicações das folhas, os operários da *Lloyd Brasileiro*, há tempos puseram-se em greve, reclamando algum melhoramento nas condições de trabalho e de vida.

Os directores daquela companhia, como é natural e era de esperar, recusaram-se a fazer efectivas as reclamações operárias. Como, porém, a continuação da greve lhes trazia prejuizos económicos, resolveram fazer algumas concessões aos menos esijentes que continuaram a trabalhar, prevenindo de alguma forma maiores prejuizos para a empresa.

Havendo a preencher os claros dos que continuavam em greve e não tendo absoluta confiança nos poucos que continuavam a trabalhar, os directores da *Lloyd*, apressaram-se em mandar vir operários de outro país para substituir os grevistas. E isso naturalmente foi conseguido com o emprego de atraentes mentiras... que iludiram os trabalhadores contratados.

E assim os capilalistas da *Lloyd* fizeram chegar a capital federal uma turma de operários, vindos de Portugal, com aquele fim.

Mas, os srs. patrões com o que não contavam era com a solidariedade dos trabalhadores que os une por toda a parte do mundo, onde são igualmente esplorados pelos patrões de todas as castas.

Os operários, enteirados dos motivos, por que tão generosamente os patrões os foram procurar, lá tão longe, recusaram-se a trabalhar.

E' o que se infére deste telegrama estraído de uma folha diária:

„Em vista da greve manifestada aqui, a *Lloyd Brasileiro* mandára contratar, em Lisboa, 24 foguistas. que ontem chegaram.

„Depois de protestarem, alegando terem sido iludidos, declararam-se êles solidários com seus colegas desta capital, acrescentando que tambem não trabalhariam".

Outro acto de solidariedade que muito há de ter dado que pensar aos capitalistas é o que se deu em Buenos Aires, com o sr. J. V. Friederichs, proprietário de conhecida marmoraria e fábrica de obras de gesso desta capital.

Esse sr., depois da greve que inda está na memória de todos, seguiu para o Rio da Prata em busca de operários para sua oficina.

Os operários com quem tratava, porém, ao se enteirarem dos motivos por que eram procurados, recusaram-se terminantemente aceitar o convite vantajoso que lhes era feito, manifestando-se solidários com as reivindicações dos seus colegas de Porto Alegre.

E voltou tristemente o sr. Friederichs sem os operários que pensava fácilmente recrutar para a oficina...

Temos dito e repetido: a solidariedade é poderosíssima arma dos trabalhadores e é usando-a que os operários de toda parte conseguirão, não só os resultados que imediatamente interessam a vida quotidiana, como chegarão a abolir o sistema de esplorações e misérias que nos infelicita e lentamente nos mata.

Os dois factos que acabam de rejistar-se, um entre operários europeus e outro entre operários portenhos, além da boa lição á burguesia, que desta forma vê anuladas suas artimanhas especuladoras, é uma manifestação eloqúente de que os proletários de todos os paises vão comprendendo todo o valor da solidariedade na luta que teem de sustentar, permanentemente, contra as esplorações capitalistas de toda parte.

A solidariedade universal dos trabalhadores porá fim ás esplorações de que êles são vítimas.

Nossa ortografia

Adoptamos o sistema gráfico etimolójico, racionalmente simplificado de acôrdo com os resultados das investigações àcerca da lingua portuguêsa.

OS INÚTEIS

O seguinte trecho do discurso de um deputado novel e, ao que se verá, bastante injénuo para nos contar em que gastam seu tempo os membros do afamado parlamento inglês, melhor que longas divagações, dará aos nossos leitores uma idea mais ou menos esacta do valor dos representantes do povo e da democracia.

Fala o nobre deputado:

" Parece-me que todo membro da "Câmara dos Comuns" é tentado, a cada passo, a desbaratar seu tempo.

As sessões ordinárias duram das três á meia noite. Talvez vinte ou vinte e cinco membros tomam parte nas discussões; cem, talvez, interessam-se pelos temas debatidos, no entanto, por uma sedução como que májica. os seiscentos e setenta membros veem-se atraidos sempre ao palácio, cujas salas de jantar, de fumar, e os escritórios; a biblioteca, as sacadas, a conversa; a presença de homens cultos e célebres, — tudo, constituem tentação á preguiça. Pode passar-se ali mui agradávelmente o dia enteiro, mas (è fôrçoso confessá-lo) sem trabalhar e quási estérilmente.

Outro facto notável são as cartas que diáriamente recebe um membro do Parlamento. Estas não são só de amigos e congratulatórias, mas também comunicações (ao que parece) de quási todos os comerciantes e lojistas de Londres, os quais lhe pedem que venha esaminar qualquer coisa, ou se propoem fornecer-lhe mil objectos de que absolutamente não precisa. Tive, ontem, a curiosidade de calcular quantas cartas escrevi depois de minha entrada no Parlamento, e, com pasmo verifiquei que atinjiam o número de cem por semana. Esse número corresponde ao das cartas recebidas que esijiam resposta, sendo que outrotanto, pelo menos, ficou sem contestação. Pode, pois, comprender-se que o símplez abrimento e leitura de cartas ocupa um espaço sensível de tempo, e que a correspondência diária é labor longo e, às vezes, fastidioso". (Traduzido do *esperanto*, de *Tra la Mondo*).

Divertem-se, com a palestra deleitosa dos homens célebres, os *fabricantes de leis* que o povo manda aos parlamentos, quando não se aborrecem escrevendo centenares de cartas por semana aos lojistas da capital, isto, naturalmente, se não preferem embrenhar-se nas tricas eleitorais ou amorosas, para maior gáudio do *povo soberano* que paga e aplaude.

CONTRASTE

Tudo na vida material se tem transformado prodijiosamente. Na vida social, o operario, esijte todavia para alimentar, recrear e manter uma casta de individuos que tem do seu lado a supremacia do dinheiro.

Para o resto dos humanos que não pertencem a esta casta, a civilização é abstrácta, ideal, não traduzida em factos; o progresso é uma enganadora ilusão com cuja conquista se pavoneiam os servidores do terceiro estado enriquecido.

O Povo carece de tudo; carece primeiramente de pão, e carecendo de pão, a civilização, o progresso, a ciéncia, a arte e a industria, não são para elle mais que terriveis mentiras, torturas inventades pela novissima inquisição dos satisfeitos.

¿ Que efeitos podem produzir os museus replétos de maravilhas artisticas, os gabinetes cientificos com suas gigantescas creações, as fabricas com os seus operarios colossos os armazens transbordando de mercadorias que não se vendem e os lindos escaparates com todos os refinamentos do gosto e do luxo ?

Falai de tudo isto aos milhares de esfarrapados que levam as mãos á rejião do estomago vazio, que arrastam os seus pés descalços na lama das ruas, que mal cobrem com farrapos a pele que serve de único revestimento a um molho de ossos, que ranjem a cada passo como querendo quebrar-se, e só obtereis um gesto doloroso, espressão do organismo aniquilado, indiferente, á beira do sepulcro, esperando a morte, sem tentar a prolongação da vida.

Quem ouzará sustentar que esta permanente perturbação, este imenso desequilibrio, é natural e eterno?

Ricardo Mella.

A LÍNGUA INTERNACIONAL

São incontestáveis os progressos realizados pelo Esperanto. Em marcha batida vai conquistando os países do globo, tendo penetrado até na China e nas ilhas da Oceánia, aonde, assim como ao Japão e aos Estados Unidos, foi levado por propagandistas ingleses.

O terceiro congresso dos Esperantistas efeituar-se-á, em Agosto próssimo, na Inglaterra.

O entusiástico apoio dos anglo-sacsões, desmentindo as afirmações dos infalíveis teóricos sempre apressados em criticar o que desconhecem, veio garantir a vitória final do Esperanto, apesar do aparecimento de *numerosos* projectos, que, no dizer de seus autores, estariam destinados a suplantar a língua do Dr. Zamenhof, cheia de defeitos e sem vitalidade.

Com o último dêsses projectos, o *Panroman*, o Dr. Molenaar procurou, como todos os outros, verificar a sinistra profecia, realizando com notável brilhantismo uma das multíplices condições do difícil problema, e, infelizmente, com mãos rôtas gastou seus recursos em satisfazer justamente aquela que é por certo de somenos importáncia, por material e formalmente inatinjivel com a necessária amplitude. Querendo que a sua lingua *universal*, pretensamente de acôrdo com as condições discriminadas por *A. Comte*, fôsse comprendida á primeira vista (o que faz crer que julga possivel), teve que limitar-se a produzir uma cópia de certo número de linguas nacionais mal fundidas, nelas colhendo um imenso vocabulário de termos incongruentes, com as variadas e variáveis acepções, e abundáncia de espressões idiomáticas.

Sob pena de não ser comprendido nem por aqueles cujos idiomas analgamasse em trapalhada algarvia !

Se é que pode haver competidores do esperanto, é, êste, um que está fora de combate, pois dificilimo, como deve ser, o vastíssimo dicionário é, por si só, um tropêço considerável, sendo, além disso, desprovida de lójica a gramática do Dr. Molenaar, no entender de um dos críticos positivistas para os quais apelara.

•

No Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, é estraordinário o movimento em pró do Esperanto, difundido pelo *País* e pela *Gazeta de Notícias*, ambos os jornais interessados pelo Dr. Everardo Backheuser, fundador do *Brazila Klubo Esperanto*, no Rio e do *Grupo de Niterói*. Esse activo propagandista tem aberto numerosos cursos da língua internacional, sôbre a qual tem, por todos os meios, chamado a atenção dos poderes públicos, obtendo do ministro da Instrução autorização especial para o funcionamento de um curso gratúito no Ginásio Nacional.

Sabemos, também, que, por iniciativa dêle, se trata da reunião de um congresso nacional de esperantistas, no Rio de Janeiro, em Maio de 1907.

Esse congresso, como todos que até hoje se teem efeituado, repercutirá forçosamente da melhor maneira sôbre a propaganda no Brasil, e tanto mais quanto mais brilhante fôr. E' preciso, portanto, que os esperantistas de todos os Estados do Brasil dêsde já se preocupem com a idea do Congresso Nacional Esperantista, e procurem entrar em contacto com o Dr. Everardo Backheuser (*Niterói, Travessa Sta. Rosa n. 2*).

O congresso ocupar-se-á da pronúncia, feitura de vocabulário completo esperanto-português, revista, representação do Brasil no 3.º Congresso Internacional etc, predominando, contudo, as festas de carácter público e íntimo, que serão verdadeiras manifestações irrecusáveis da potente vitalidade do Esperantismo.

Afim de aussiliarem a realizão do Congresso Nacional dos Esperantistas, pedimos a todos os jornais que se interessam pela língua internacional que o anunciem e forneçam o endereço do Dr. Backheuser.

Não é pelo facto de querermos o título de esperantistas ou sermos agradáveis a quem quer que seja; nem por julgarmos que a vitoria de nossa causa depende unicamente do triunfo de uma língua internacional é que ao lado da luta constante, do combate sem treguas pelas nossas reivindicações, auxiliamos a propaganda da lingua interaacional, que nos parece a mais lójica que até hoje tem aparecido, mas, por comprendermos perfeitamento que é ela uma das circunstáncias favoráveis. E no dia em que os trabalhadores de estremidades opostos do globo, puderem trocar livremente ideias entre si, terão dado um grande passo para sua emancipação.

1906. *Stefan Michalski.*

Pelo mundo

França

Em Saint-Claude há três ou quatro meses dura a greve geral dos operarios empregados nas fabricas de cachimbos, principal industria daquela cidade.

Os patrões cedendo ás reclamações dos operários aumentaram de 30 % os salarios, voltando então os grevistas ao trabalho; entenderam porém os industriais que devim despedir os que julgaram ser cabeças de motim e, em vista disso, os operarios declararam novamente a greve que inda durava ás ultimas datas.

A's solicitações dos capitalistas, o governo enviou 4000 soldados para uma população de 3000 habitantes, que é a de S. Cláudio!

E essa fôrça como de costume, tem-se prestado esclusivamente aos interesses dos patrões.

Note-se que a maioria dos membros da municipalidade de S. Cláudio é socialista... regularmente eleita pelos partidarios do parlamentarismo, etc., etc...

Austrália

Segundo o que lemos na *Voix du Peuple*, de Paris, na Australia, onde de há muito é estabelecida a jornada de 8 horas, o operariado começa a fazer propaganda para a redução dêsse horário, reclamando a semana de 44 horas.

E' assim que em Melburne os pedreiros esijem a semana de 44 horas,—sendo 8 horas de trabalho durante os primeiros dias da semana, e *4 horas* no sábado. E se os empreiteiros não atenderem ás reclamações que nesse sentido fizeram operários, êstes declarar-se-ão em greve.

Essa reivindicação pode apresentar-se como argumento àqueles que receiam que, na classe dos pedreiros, uma diminuição de horas de trabalho, seja prejudicial ás empresas construtoras, e com o fim de aliviar as intempéries e a má estação, outra solução não acham senão os longos dias de trabalho, sem descanso, nos dias de bom tempo.

Em Melburne, como aliás em toda parte, há a estação invernosa, dias de chuva, etc. e mau grado essas interrupções do trabalho e apesar da redução a 8 horas as construções surjem... como em qualquer outra parte!

Não nos deixemos, pois, influenciar por sofismas postos em ciculação pelos esploradores do trabalho alheio, e convençamo-nos de que não há impossibilidade de reduzir o horário do trabalho—a não ser a nossa falta de coesão e fôrça precisa para vencer a resisténcia dos patrões.

Rùssia

No dia 13 de setembro p. p. foi enforcada na fortaleza de Pedro e Paulo senhora Konoplinikof, que matara com um tiro de revólver, a 27 de agosto precedente, o bandido militar Mine.

A atitude daquela mulher deante do conselho de guerra demonstrou altamente a fidalguia e nobreza de seu carácter.

Apostrofando os juizes encarregados de condená-la, ela pronunciou essas altivas palavras:

«Voceis sabem muito bém, que desapareceréis como chacais, uma vez que não tereis mais os vossos priviléjios inumanos. Debaixo da influencia da perseguição o espirito revolucionario engrandeceu gigantescamente.

«O govêrno, tal qual o intendeis, é sinónimo de saque, de crimes, de incendios, de carneficinas.

«O edificio auto e burocrático, moralmente decrepito, só se sustenta pelos seus actos de terrorismo.

«Os longos anais da historia russa são escritos com o sangue do povo, —mas neste momento nem agressões, nem manifestos do çar, pódem deter o movimento nacional.

«Vocês vão me condemnar a morte,—enforcada ou a bala.

«Só me oprime um pensamento: é que os meus concidadãos me perdoem ter feito tão pouco, não lhes posso dar mais do que a minha vida; morro porém com a firme convicção de que o dia é próssimo em que o trono cairá, e o radiante sol da liberdade brilhará sôbre toda a estensão da planicie russa».

Nobre esemplo, o dessa heroina russa! quanto está lonje a mezquinhez bourguesa,—que só sabe olhar para a burra, mentir e freqúentar igrejas—da sublime lição moral da revolucionaria russa!

Movimento Operário

Sindicato dos Marceneiros e Correlatos

Em sessão realizada a 10 do corrente foi deliberado por êsse sindicato abrir uma subscrição para aussiliar os operarios Miguel Maider o Manoel Schemeke, que se acham enfermos em conseqúência. este, de lhe ter caido sôbre as pernas uma pilha de tábоas por ocasião de trabalho, e aquele de ter cortado um braço na serra com que trabalhava.

Ambos são antigos empregados da Companhia Fábriea de Móveis da qual é gerente o sr. Hertzog, «pai dos operarios», como êle proprio se intitula; entretanto até hoje não receberam sequer um vintém para curativo dos ferimentos feitos no trabalho daquele «gene.osissimo pai»...

Em nossa redacção há uma lista para os que quiserem aussiliar aqueles nossos companheiros de sofrimentos assinarem com alguma cota, nos límites do possivel.

Publicações novas

En Marcha

Recebemos os primeiros números dessa escelente revista de ciéucia e sociolojía que acaba de aparecer em Montevidéu.

Da sua redacção fazem parte muitos nossos camaradas que ali procuram fazer larga e sã propaganda dos princípios libertários, que dia a dia mais se impõem á razão das pessoas estudiosas que se preocupam com o problema social.

Os números que temos a vista vêm repletos de boa literatura e estudos filosóficos e sociais.

Chamamos a atenção de nossos companheiros para essa óptima revista, tanto mais por ser publicada numa língua fácilmente comprendida pelos que só conhecem o portuguès.

O endereço é *Calle Rio Negro*, 274, Montevidéu e encarregar-nos-emos de mandá-la vir a quem a queira assinar. *(Sem preço).*

O Marmorista

Acaba de aparecer, no Rio, êsse novo periódico, órgão de propaganda dos operários marmoristas.

Traz bons artigos de propaganda libertária, bem como notícias sôbre o movimento operário daquela capital.

O endereço é: Praça Tiradentes, 71 — Rio de Janeiro.

Pátria e internacionalismo.

Acaba de ser reeditorado pelo grupo libertário "Espártaco", do Rio, êsse folheto de A. HAMON.

Nesse folheto, como indica seu título, combate o célebre criminalista, o patriotismo estreito, iuteresseiro e mentiroso que é as delícias da burguesia, e prega o internacionalismo, idea altruística que há de unir todos os povos do mundo em fraternal amplecso de solidariedade, em marcha para uma sociedade verdadeiramente humana.

Endereço: Avenida Passos, 30; preço 100 réis.

Novos Horizontes

Em Lisboa começou a ser publicada, com êste título, uma bém cuidada revista de propaganda e crítica social, dedicada aos operários.

Os primeiros números trazem bons estudos e artigos de propaganda libertária, entre os quais um artigo sôbre comunismo prático, de G. LANGE. Traz também ilustrações, estampando no n. 2 o retrato de Eliseu Reclus.

Essa publicação vem preencher uma lacuna na propaganda libertária em portuguès, pois actualmente não esistia nenhuma revista de tal carácter.

Recomendamos aos nossos camaradas daqui essa publicação digna de leitura e de aussílio.

Endereço: Rua da Vinha, 153: Lisboa-Portugal.

Essa revista pode ser assinada por nosso intermédio. Preço 2$000 por ano.

A Democracia

Nesta capital apareceu domingo último o primeiro número da nova fase da *Democracia*. periódico semanal, sob a direcção do conhecido jornalista e operario Francisco Xavier da Costa.

A Democracia, mantendo seu antigo programa, faz propaganda do socialismo legalitário.

A primeira pájina do numero que temos à vista é ocupada pelo retrato de Carl Marx, trazendo um artigo biográfico, traduzido do alemão, e no qual vêm artificialmente encaixados uns periodos, cuja alusão não nos escapou e a qual muito agradecemos aos ilustres jornalistas daquela folha.

Traz abundante noticiário local e informações das associações operárias, etc., etc.

Endereço: Rua Vigário José Inacio n. 3.

Bases do Sindicalismo

Em razão mesmo dêsses primeiros resultados, fizeram-se tentativas reiteradas para afastar a classe operária da orientacão sindical. Apesar dessas manobras, o papel da sociedade de resistência clarificou-se e precisou-se — de modo que já agora, se pode definir assim:

No meio actual, a sua missão permanente é defender a corporação contra toda a diminuição de vitalidade, — isto é, contra toda a redução de salários, aumento de horas de trabalho, etc.; depois também, á defensiva juntando a ofensiva, preocupa-se com o aumento da soma de bem-estar da corporação, — o que apenas se pode realizar com ataque aos priviléjios capitalistas e constitui uma espécie de espropriação parcial.

Além desta tarefa de incessantes escaramuças, a associação de classe cuida da obra de emancipação integral de que será eficaz ajente; essa obra consistirá em tomar posse das riquezas sociais, hoje monopolizadas pela burguesia, e em reorganizar a sociedade sôbre bases comunistas, de maneira que com o mínimo de esforços produtivos se obtenha o mácsimo de bem-estar.

O direito sindical

Eis constituido o sindicato. Em determinada corporação uma pequena minoria de audaciosos ousam erguer-se em face dos capitalistas e criar uma sociedade de resistência.

Qual será a atitude dêsse punhado de militantes? Vão esperar para apresentar as suas reivindicações, o recrutamento senão da totalidade, ao menos da maioria dos companheiros da profissão?

Assim fariam, se transportassem para o terreno económico os prejuizos *maioreiros* venerados no domínio político.

Mas, como as necessidades da luta podem mais que os sofismas democráticos, a lójica da vida leva-os á acção por vias novas e contrárias ás fórmulas políticas de que os saturaram. E não é preciso, para que isto se dê, que êsses militantes tenham uma dose considerável de «conciéncia»; basta que os não paralisem as fórmulas e as abstracções.

Viu-se mesmo, em circunstáncia grave, o político *Basly* render homenajem aos princípios sindicalistas, reclamando a sua aplicação. E' claro que era pura astúcia e que êle tinha em vista, com esta manobra, o desprestíjio das tendências revolucionárias. Era em 1901, no Congresso dos mineiros realizado em *Lens* e onde se discutia a questão da Grève Geral corporativa. Para estorvar o movimento, *Basly* propôs que se recorresse a um *referendum* e, rompendo com as teorias democráticas, fez decidir que o número dos não-votantes fosse acrecentado ao da maioria.

Teriam sorprendido muito êsse político, que se crê astuto, esplicando-lhe que em vez de ter usado um ardil (cujo resultado lhe foi contrário) acabava de ajir como revolucionário e se tinha inspirado nas teorias sindicalistas. Com efeito, nesta circunstáncia, *Basly* desdenhou a opinião dos inconcientes e reconheceu que são zeros humanos que se juntam á direita das unidades concientes, — seres inertes cujas fôrças latentes só se movem ao impulso dos enérjicos e audazes. Este modo de ver é a negação das teorias democráticas que, proclamando a igualdade dos direitos para todos, ensinam que a soberania popular se desprende do sufrájio universal. *Basly* não o viu! Achando-se num meio económico, impregnou-se de sua atmosfera e esqueceu, por um instante, as suas teorias políticas.

Convém acrecentar que nunca o democratismo teve voga nos agrupamentos corporativos. Em face das necessidades sociais, os militantes dos sindicatos resolveram-nas segundo o bom senso. Sua acção precedeu, pois, a formulacão dos dos princípios do sindicalismo. Nunca os trabalhadores sindicados supuseram que lhes fosse necessário primeiro alistar a quási unánimidade da corporação, depois, proceder a uma consulta em regra para, em seguida, conformar sua acção á vontade da maioria. Agruparam-se, no maior número possível, e formularam suas vontades, não tendo em conta os inconcientes.

Nada de mais normal! Devemos distinguir entre o direito teórico e abstracto que o democratismo faz brilhar a nossos olhos e o direito real e tanjível, que é simplezmente a totalização de nossos interêsses e cuja proclamação tem por ponto de partida um acto de conciéncia individual.

O direito que tem todo o indivíduo de se levantar contra a opressão e a esploração, é imprescritível; fosse tal indivíduo só contra todos, e o seu direito de reivindicação e de revolta continuaria intanjível. Se apraz á multidão curvar a espinha, lamber as botas dos senhores, que importa! O homem que aborrece essa baixeza e que, não querendo sofrê-la, se ergue e revolta, — êsse tem razão contra todos! O seu direito é luminoso, formal, incontestável, — e o direito das multidões agachadas é uma quantidade desprezível que não pode ser-lhe oposta. Para estas, o direito só começará a tomar corpo e a ser respeitável no dia em que, cansadas de obedecer e trabalhar para os outros, pensarem em revoltar-se.

Portanto, sempre que se fórma um grupo onde se achem em contacto homens concientes, êstes não devem ter em consideração a apatia da maça. E' já bastante lamentável que os inconcientes recusem usar seus direitos, sem ainda lhes reconhecer o estranho priviléjio de estorvar a proclamação e a realização do direito dos concientes.

Muito naturalmente, — e sem que a teoria tenha sido elaborada *a priori* — foi inspirando-se nessas ideas directrizes que se constituiram, teem ajido e continuam a ajir os sindicatos.

Resulta que o *direito sindical* nada tem de comum com o *direito democrático*. Este é a espressão das maiorias inconcientes que fazem maça para sufocar as minorias concientes; em virtude do dogma da soberania popular, estabelecido, embora, como ponto de partida, que todos os homens são irmãos e íguaes, traz como conseqùência a sanção da escravidão económica e a opressão dos homens de iniciativa, de progresso, de ciéncia e liberdade.

O *direito sindical* é esactamente o contrário! Parte da soberania individual, da autonomia do ser humano, e vai dar ao acôrdo para a vida, — á solidariedade. De sorte que a sua conseqùência lójica e inelutével é a realização da liberdade e igualdade sociais.

(Cont.) *Emilio Pouget.*

Devido á abundancia de materia somos forçados a preterir algumas noticias e artigos, entre estes um do nosso colaborador Cecilio Dinorá.

A LUTA

Nossa permuta

Recebemos durante a quinzena: *Il Tempo, Rio Grandenser Vaterland, Pau Bate* e *Democracia*, desta capital; *O Estudante*, de S. Maria, *Terra livre*, de S. Paulo; *Congresso, Novo Rumo, Veículo* e *O Marmorista*, do Rio; *En Marcha*, de Montevidéo; *Novos Horizontes*, de Lisbôa; *Les Temps Nouveaux* e *Voix du Peuple*, de Paris.

— Recebemos os estatutos da "União dos Trabalhadores em Estiva" e da sociedade "Mútua Cooperación Uruguaya", ambos do Rio Grande. Gratos.

Notas e avisos

Pedimos aos nossos companheiros do interior do Estado que nos remetam informações e noticias sobre o movimento operario nas respectivas localidades.

— Pedimos aos nossos companheiros possuidores de listas da subscrição voluntária deste periodico, que não as conservem por muito tempo depois de arrecadas as quantias dos subscritores, afim de darmos publicidade dos nomes das pessoas que nelas assinaram. O retardamento da publicação dessas listas dá origem a repetidas reclamações que recebemos constantemente.

Subscrição voluntaria

Lista da redação: — Saldo do numero anterior 51$440; F. V. 1$000; M. Aguiar 2$500; *** 40; Carlos Toffolo 200; Evoldo Menges 200; Helmute Kure 200; Agoado 200; Luiz Silva 500; Hindorf 100; Francisco Ruano 2$; Batista 1$000; Segundo 400; Adriano Franzoni 200; Henrique Cia 200; Alfredo Spinetti 200; Guilherme Keller 500; Marcello 500; Carlos Toffolo 800; Augusto Melecchi 2$; P. P. Petrarca 400; Trajano Medeiros 2$; Ataliba A. Guimarães 5$; os ultimos dois de Pelotas. Total 71$580.

Lista de Luiz Pianto: Emilio 100; José Theodoro 100; Natal Bianchi 100; Caetano Ventuno 100; Adriano Franzoni 400. Total 800 réis.

Lista de P. M. de Oliveira: — Alberto 200; A. Stringuini 500; Zeferino A. 500; Caetano Guropiel 500; Paulino Kross 200; J. 300; Ilegivel 1$000; Luiz Nunez da Silva 2$000; Manoel Silvano 500. Total 5$700.

Lista n. 2, de P. M. de Oliveira: — Um anonimo 200; Luiz Augusto Cardoso 200; João Luiz de Vargas 500; Aprigio José Ignacio 200; Angelino Scarpetti 200; João Carlos Boro 200; Lisboa 300; Bartholomeu P. Ban 200; Wilhelm Sachmies 200; Pedro Machado 200; Franklin Luiz Flores 500. Total 2$900.

Lista de Valdemar Andrade Barbosa: — Natal Bianchi 500; José de Oliveira 100; Antonio de Oliveira 200; Um anarquista 2$. Total 2$800.

Lista de Eurico Faccini: — Um lutador 1$; Carlos Preuse 200; Santauro C. 200; C. Telin 1$100; Juani Vidos 300; Adriano Ell 200; Luigi Tamanini 300; Antonio 400; Antonio Lago 100; João 400; L. Pelenuzzi 200. Total 4$400.

Lista de A. Michalski: — Nicolao Failace 1$; Juan Gil 500; Felicio Sigo 200. Total 1$700.

Lista de Guilherme Malfatti (S. Leopoldo): — "União Operaria Leopoldense" 10$; Bernardo Jaenisch 2$; Zeferino Rocha 2$; Luiz Winck 1$; Albano Haas 500; Constant Peterkson 1$; Celeste Benvenuto 500; Antonio Felisi 500; João Alfredo Eggers 1$; Narnizo Cunha 500; Um lutador 1$; A liberdade é o mais bélo pensamento da humanidade (G. M.) 1$. Total (desc. para porte 600 rs.) — 20$400.

Lista de Isaias Nunes Pereira: — I. N. Pereira 2$; Avelino Gomes 1$; Plinio das Chagas 1$; Eneias Grondi 1$; Manoel Gonçalvez 1$; José Lunardi 1$; Um anónimo que é companhoiro 5$; A. Ferrugencio 1$. Total 13$000.

Lista de Rey Gil: — A. Latuada 500; Affonso Dequigiovani 600; Jorge Steimback 400; Hartman 500; Fernando Iung 200; Fernando Mug 200; Fernando Barrigudo 200; França Risler 200; Augusto Kraus 100; Emilio Neit 400; Sobrinho do padre Marcelino 200; Um parente de D. Claudio 100; Burguês torto 100; Locatario 100; Cachorro do Czar da Russia 200; Mario Cassal 400; A. B. C. 200; R. Flugrath 400; Um caixeiro 200; Mingotte 100; Augusto D. Mello 1$; A. Vieira Filho 2$. Total 8$300.

Lista de O. Figueredo: — Nay Centeno 100; Senior 100; Anónimo 500. Total 700 réis.

Balancete

Entradas:		
Lista da redacção....	71$580	
Diversas listas......	60$700	132$280
Despesas:		
Sêlos.............. ...	2$000	
Impressão do n. 7...	47$000	49$000
Saldo..............		84$280

A TERRA LIVRE

Periódico anarquista. Assinaturas: série de 25 numeros 4$000; 12, 2$000; 6, 1$000. Rua Maria Domitilla n. 88 — S. Paulo.

NOVO RUMO

Periódico libertário, sai quando póde. Subscrição voluntária. — Rua do Hospicio n. 210 — 1º — Capital Federal.

LA BATTAGLIA

Semanário em lingua italiana. Assinatura: ano 10$000; semestre 5$000; trimestre 3$000. Caixa postal 547 — São Paulo.

O VEÍCULO

Mensário, orgam do C. de E. em Ferro-Vias. Rua da Conceição, 34 — 1º — Rio.

IL LIBERTARIO

Quinzenario. Assinaturas: 10 numeros 2$000. Rua José Ricardo, 34. — São Paulo.

—

Estes periodicos, bem como *Les Temps Nouveaux* e *Voix du Peuple*, de Paris, podem ser assinados nesta redacção.